

MILTON HATOUM

UM SOLITÁRIO À ESPREITA

Crônicas



Copyright © 2013 by Milton Hatoum

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Lígia Azevedo

Revisão
Renato Potenza Rodrigues
Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hatoum, Milton

Um solitário à espreita : crônicas / Milton Hatoum. — 1ª ed.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2292-9

1. Crônicas brasileiras I. Título.

13-05503

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira 869.93

2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

Nota do autor 9

Um inseto sentimental 11

DANÇA DA ESPERA

Conversa com a matriarca 14 • Segredos da Marquesa 18
• Dança da espera 21 • Um enterro e outros Carnavais 24
• O nome de uma mulher 27 • Um *perroquet amazone* 30
• Tantos anos depois, Paris parece tão distante... 33 • Na
cadeira do dentista 36 • História de dois encontros 39 •
Sob o céu de Brasília 42 • Papai Noel no Norte 45 • Um
artista de Shanghai 48 • Lembrança do primeiro medo 51
• Exílio 53 • Uma fábula 56 • Elegia para todas as avós 58
• Margens secas da cidade 61 • Capítulo das Águas 64 •
Um médico visionário 67 • Cartões de visita 70 • Tio
Adam em noites distantes 73 • No jardim de delícias 76 •
Perto das palmeiras selvagens 78 • Lições de uma inglesa
81 • Liberdade em Caiena 84 • Nove segundos 87 • Sau-
dades do divã 90

ESCORPIÕES, SUICIDAS E POLÍTICOS

Flores secas do cerrado 94 • Tarde de dezembro sem
nostalgia 98 • Escorpiões, suicidas e políticos 101 • Um
amigo excêntrico 103 • O inferno dos fumantes 106 • Nun-
ca é tarde para dançar 109 • Celebidades, personagens e
bananas 112 • Crônica febril de uma guerra esquecida 114
• Uma carta virtual da Catalunha 116 • Tarde delirante no

Pacaembu 119 • Poema gravado na pele 122 • Bandolim 125 • A beleza de Buenos Aires 127 • Domingo sem cachorro 129 • Vocês não viram *Iracema*? 131 • Viagem, amor e miséria 134 • Um ilustre refugiado político 137 • A borboleta louca 140 • Viagem ao interior paulista 142 • Crianças desta terra 145 • Uma vingança inconsciente 148 • Uma pintura inacabada 151 • Adeus aos quintais e à memória urbana 154 • Meu gato e os búlgaros 156 • Valores ocidentais 159 • Fantasmas de Trótski em Coyoacán 162 • Portugal em pânico 165 • Um brasileiro em Boston 168 • Estádios novos, miséria antiga 171 • Carta a uma amiga francesa 174 • Morar, não ilhar e prender 177

ADEUS AOS CORAÇÕES QUE AGUENTARAM O TRANCO

“A parasita azul” e um professor cassado 180 • Um jovem, o Velho e um livro 184 • Filhos da pátria 188 • Adeus aos corações que aguentaram o tranco 190 • Euclides da Cunha: um iluminado 193 • Leitores de Porto Alegre e uma bailarina no ar 196 • Notícias sobre o fim do livro 199 • No primeiro dia do ano 201 • O pai e um violinista 204 • Passagem pelo Piemonte 207 • Elegia a um felino 209 • O penúltimo afrancesado 212 • Brasileiros perdidos por aí 214 • Leitor intruso na noite 216 • A personagem do fim 218

DORMINDO EM PÉ, COM MEUS SONHOS

Um sonhador 222 • Confissões de uma manicure 224 • Confissão da mulher de um caseiro 227 • Um solitário à espreita 230 • O magistrado e um coração frágil 233 • Dormindo em pé, com meus sonhos 236 • Quando nos conhecemos, ele não vivia assim 239 • Beverly Hills e a mãe da rua Sumidouro 241 • Vidas secas, de norte a sul 244 • Mulher endividada 247 • Quer saber como estou? 250 • Um rapaz à paisana 253 • Dilema 256 • Conversa com um *clochard* 259 • O lagarto e o pastor 262 • Uma imagem da infância 264 • Quatro filhas 266 • O céu

de um pintor 269 • A barata romântica 272 • Viajantes e apaixonados em transe 274 • A senhora do sétimo andar 276 • Na Garganta do Diabo 279

Fontes 283

Sobre o autor 287

DANÇA DA ESPERA

CONVERSA COM A MATRIARCA

AOS 91 ANOS MINHA AVÓ SAMARA tentou usar aparelhos auditivos. O par de geringonças lhe cobria as orelhas e dava-lhe ao rosto uma expressão de telegrafista assustada com uma péssima notícia.

Por vaidade, deixou o cabelo grisalho crescer para esconder os aparelhos. E o mais incrível é que passou a ouvir menos do que antes e a ouvir coisas que ninguém dizia.

Desconfiamos disso na tarde em que Samara ficou uns cinco minutos em silêncio durante uma reunião de família. Logo ela, que não parava de falar, alternando o árabe com o português, ou misturando-os numa algaravia que nos deixava em dúvida sobre o que queria dizer. Às vezes não queria dizer nada, e sim confundir os nove filhos com aporias ou argumentos absurdos, de modo que triunfava nas discussões sobre assuntos que desconhecia ou não lhe interessavam.

Mas nos cinco minutos de silêncio o mundo parou de existir. E, quando ela retomou a palavra, desfiou uma conversa tão desmiolada, que meus tios se entreolharam, imaginando alguma anomalia na cabeça da matriarca.

A coisa piorou num almoço de domingo. Enquanto ela comia calada, percebemos que se irritava com alguma coisa. De repente largou o garfo, mergulhou a cabeça no mormaço e bateu palma. Quando fez esse gesto pela terceira vez, um dos meus tios lhe perguntou:

“O que foi, mãe? Quem a senhora está aplaudindo?”

E ela: “Matem todos, pelo amor de Deus. Vão me devorar...”.

Então ele tirou a geringonça dos ouvidos de sua mãe, aproximou-se do rosto dela e repetiu a pergunta.

“Não tem aplauso nenhum”, disse Samara. “Tem é muito

mosquito por aqui, isso sim. Cadê os carapanãs? Matem todos, todos...”

Não era zumbido de mosquitos, e sim o ruído de chuvisco emitido pelos aparelhos auditivos.

Jurou nunca mais usá-los. Os seis filhos homens protestaram, minha mãe e duas tias pediram calma e meu avô se retirou da sala. Ela ignorou os protestos, o clamor pela calma e a ausência do marido: pegou as duas geringonças e jogou-as no tanque das enguias.

Meu tio Sami, que tinha comprado os aparelhos no Panamá, olhou desolado o fundo limoso do tanque e perguntou em voz alta:

“E agora, o que vamos fazer para a senhora ouvir?”

“Falem alto. Não são homens? Gritem.”

Gritavam. E ela regia ao alvoroço como uma maestrina sem batuta, conduzindo o coral com gestos incisivos de suprema matriarca, atenta à voz de cada um de seus filhos e à da conversa, sobretudo quando esta resvalava perigosamente por algum idílio ou caça amorosa.

Quis o acaso que eu fosse um de seus netos queridos. Com os filhos ela era implacável, como são as mães de uma penca de marmanjos.

Quando os seis homens da casa se atracavam como gladiadores e berravam como camelôs em pânico, bastava um olhar da matriarca para que os vozeirões se rebaixassem a miados de angorá. Podiam brigar por dinheiro, futebol ou política, mas nunca por amor a uma mulher, já que a única mulher na vida deles era ela mesma.

É que Samara tinha ciúme até da sombra dos filhos, desde que fossem sombras femininas. Não de todos os “meninos”, só de dois, seus eternos cativos.

Nas noites de sábado esperava-os com um faro de cão adestrado. Às dez horas ela bebia meia jarra de suco de alho, nos acordava com um copo na mão e dizia: “Faz bem para o organismo, vão viver cem anos”.

Tomávamos esse purgante e nunca mais dormíamos. À meia-

-noite ela fazia a primeira incursão ao quarto dos dois filhos. Deixava na mesinha de cabeceira dois copos com suco de alho e molhava com querosene o pavio de uma lamparina a fim de espantar os mosquitos. No meio da madrugada, o eco de seus passos no corredor escuro acordava meu avô Elias.

“Ladrão?”, o velho perguntava com a voz rouca do ronco interrompido.

“Ladras”, ela respondia.

“Ladras?”

“Isso mesmo. Ladras. Querem roubar o amor dos nossos filhos.”

“Para com isso e vem dormir, Samara.”

Mas só Elias dormia. Ela continuava a ronda, subindo e descendo a escada, movida pelo alho e pelo desejo de ser única na vida dos dois meninos.

E quando eles chegavam, ela os acompanhava até o quarto e ralhava:

“Sou surda, mas não cega. Vocês ainda são muito jovens para o casamento.”

O mais velho desses jovens tinha 52 anos incompletos, e era tão alto e forte que erguia Samara com a mão esquerda e colocava-a sentada na direita. Esse gigante era tio Boulos, o Paulo: um Apolo à luz do dia e um lobo dionisíaco quando a primeira estrela espocava na noite.

O outro, tio Fares, um garoto de 48 anos. Sem esforço, era possível contar dezoito fios de cabelo em sua calvície precoce. Não tinha a pinta de Boulos, mas a voz de barítono e a lábia inquietavam minha avó.

“Com essa voz tu vais longe, ela dizia na presença de todo mundo. Vai muito longe, mas só comigo.”

Os dois chegavam juntos para evitar sermões alternados. Samara ralhava com o Apolo, depois com o careca, e eles escutavam juntos e calados na porta do quarto.

Nós ríamos quase em surdina: o bafo do alho nos impedia de abrir a boca e gargalhar. Solitário em seu leito, meu avô gritava para a mulher surda:

“Por Deus, Samara: isso é insano.”
Ela concordava:
“É verdade, Elias: é só ciúme.”

SEGREDOS DA MARQUESA

OUTRO DIA SOUBE QUE MORREU uma mulher querida. Tinha um nome meio pomposo, de marquesa, mas não era nobre nem frequentava os salões dos decadentes barões da borracha. Com ela morreu a memória de uma época.

A Marquesa era uma amazonense que sonhava com o Rio de Janeiro. Realizou o sonho e morou mais da metade de sua vida num pequeno apartamento de Copacabana. Quando você se dá conta —, o tempo já deu suas voltas e foi embora, veloz e matreiro como uma distração.

Era mãe de uma amiga minha, mas destoava de outras mães, tão convencionais e carolas, tão donas de casa e voltadas apenas para o marido, o lar, os filhos. A Marquesa convidava crianças humildes para brincar com sua filha: crianças que moravam em palafitas na beira dos igarapés próximos do nosso bairro. Esse gesto generoso irritava certas mães, que proibiam os “indiozinhos” de conviver com seus filhos, mas não podiam viver sem as mãos serviçais das mães desses mesmos curumins e cunhantãs.

Aos sábados, brincávamos e merendávamos no quintal da casa da Marquesa; às vezes nos levava para assistir a um filme no cine Guarany, o antigo teatro Alcazar. Éramos oito ou dez crianças na matinê de sábado, nossa noite de sonho e fantasia no meio da tarde. Depois da sessão, tomávamos tacacá na barraca de d. Vitória, ali na calçada do cine Odeon, uma das maravilhas de Manaus.

Ao meio-dia, quando eu chegava do Ginásio Pedro II, ia visitar minha amiga e encontrava a Marquesa na sala, lendo uma revista francesa, ouvindo Bach ou Villa-Lobos; às vezes ela entrava em casa para conversar sobre música com a profes-

sora de piano da minha irmã caçula. E entrava também na roda dos homens para falar de política. O marido dela, um homem rígido e poderoso, sumia quando ela falava. Não sei por que casaram, talvez por amor, mas os dois amantes pareciam inimigos, como no poema de Drummond.

Na primeira semana de abril de 1964, ela reuniu os amigos da filha e disse que o país estava nas “garras dos bárbaros”. Eu tinha doze anos e não entendi; mas memorizei essas palavras: nas garras dos bárbaros. Aos poucos, ela percebeu que o marido bajulava os milicos, recebia políticos servís e interesseiros, raposas que passaram a frequentar a sala e o quintal de sua casa. Quando eles chegavam com garras afiadas e inchados de empáfia, ela saía ou se trancava no quarto para não ver essa gente.

Foi nessa época que começou a beber, e, quando bebia muito, era capaz de desafiar até o diabo, com ou sem farda. Por desamor ou indiferença — ou por *algo mais* —, ela se viu sozinha no casamento e decidiu viajar com a filha para o Rio. Calhou de conversarmos a sós em várias ocasiões; em algum dia de 1967 lhe disse que eu também queria partir.

E então, na despedida, me revelou que era amante de um homem que eu conhecia: queria viver com ele em Copacabana. Esse era o *algo mais*. Ou alguém a mais na vida da Marquesa: uma história de amor, movida por encontros esporádicos, que duraram mais de duas décadas.

Ela se confinou em Copacabana e eu dei voltas pelo Brasil, sempre pensando em visitá-la, curioso por saber o nome do amante que, segundo a Marquesa, eu conhecia. Até simulava uma conversa com ela antes desse encontro prometido e tantas vezes adiado.

Enfim, visitei-a em 1978, quando lancei no Rio um livrinho de poesia. Almocei em seu apartamento de Copacabana, depois andamos até o Forte, onde conversamos sobre sua filha, minha amiga de infância, que estava morando em Londres.

“Ela fugiu das garras dos bárbaros?”

A Marquesa deu uma risada:

“E das garras da mãe.”

No fim da tarde, revelou que seu amante — o homem que eu conhecia — era um dos meus tios solteiros.

A revelação me deixou mudo por um momento. Mas não resisti e perguntei qual deles.

“O galã sonhador”, disse, sem hesitar. “De vez em quando a gente namora aqui no Rio. Não piso mais em Manaus.”

Revelou outras coisas de sua vida, e contou detalhes da história amorosa com o galã sonhador. Nunca os imaginei juntos, nem desconfiei do caso entre os dois. Foi uma história de amor clandestina, que resistiu ao mau olhado da província e, depois, à velhice. No fim do nosso encontro, disse que eu podia aproveitar tudo o que ela havia me contado.

“Aproveitar?”

“Se um dia tu escreveres um romance...”

Mais de vinte anos depois do nosso encontro no Forte de Copacabana, me lembrei das histórias da Marquesa e, de fato, fiz de alguns lances de sua vida uma ficção.

Quando leu o romance, me telefonou para dizer que eu havia exagerado e inventado tanta coisa que mal se reconheceu na personagem da mulher adúltera.

“Ainda bem”, eu disse. “Se tivesse sido fiel à tua história, qual teria sido a reação da tua filha e do teu ex-marido?”

“Minha filha teria adorado, porque ela sabe de tudo. E meu ex-marido já virou pó. Não sabias? Morreu de infarto. Deve estar no inferno, limpando as botas dos amigos dele.”

La lamentar a morte do pai de minha amiga, mas decidi não dizer nada. Depois de uns segundos de silêncio, a Marquesa completou: “Além disso, ele nunca gostou de literatura. Por que iria ler o teu livro?”

DANÇA DA ESPERA

NOSSA VIZINHA RARAMENTE SAÍA DE CASA; quando saía, era um acontecimento na Joaquim Nabuco, a avenida da nossa infância e juventude. Parávamos de jogar bolinhas de gude e até de empinar papagaio, desatentos às tranças no ar e atentos às tranças da mulher, que seguíamos com os olhos e, às vezes, com passos furtivos.

O nome dela era um convite ao sonho: Sálvia Belamar. E seu tipo físico parecia uma dissidência antropológica da nossa imensa tribo morena. Da minha turma de amigos, só Jason Reilly — filho de um irlandês com uma cabocla — era aloirado. Sálvia era ruiva e alta; o rosto e os braços brancos pareciam desprezar o sol do equador. Além de reclusa, era solitária. Mas sua solidão diuturna rebelava-se uma vez por semana. Não sei como ela vivia, nem de que vivia.

Do balcão do nosso sobrado era possível vê-la à noite, na sala sem cortina, vestida com um penhoar vermelho, jantando ou lendo um livro. Aprendi a palavra “penhoar” com a minha tia Tâmara, que costurava roupas femininas; enquanto costurava, ia desfiando a vida dos vizinhos. Mas tia Tâmara não sabia nada de Sálvia, cuja vida era um livro misterioso no palco escancarado da província. Não sei quantas páginas tinha esse livro, mas pude ler um ou dois capítulos. Vamos aos capítulos, que são breves, e não totalmente tristes. Em todo caso, não fazem mal a ninguém. Afinal, amanhã é sábado.

E que coincidência: justamente aos sábados começam e terminam um dos capítulos amorosos do livro de Sálvia. Aos sábados, um homem com uniforme de aviador — comandante ou copiloto ou engenheiro de bordo — entrava às oito da noite no bangalô. A porta não estava trancada. Eu, Minotauro e Jason

Reilly ficávamos no balcão da minha casa, espreitando o encontro do casal.

Jason era um varapau. Para ele, o horizonte era mais vasto. Em certas circunstâncias, um voyeur alto leva vantagem; e o diabo é que Jason era discreto demais. O silêncio e a respiração ofegante desse filho de europeu eram intraduzíveis. Vez ou outra ele era contaminado por nossa indiscrição inata e nos cochichava uma cena que eu e o Minotauro só podíamos imaginar. Mesmo assim, quando o aviador e Sálvia namoravam, víamos gestos de carícias que desconhecíamos ou de que nem suspeitávamos; víamos o aviador tirar o paletó preto e jantar com a mulher. Depois os dois dançavam ao ritmo de uma música inaudível, como um par enamorado de um filme mudo, mas colorido. Quando o par saía da sala, o filme terminava com um blecaute.

Lembro que essas sessões noturnas de voyeurismo duraram poucos meses. Nunca vi o aviador à luz do dia; não sei a que horas ele ia embora do bangalô, nem se ia ao hotel ou ao aeroporto.

Minha tia Tâmara contou ao irmão que eu e meus amigos abelhudávamos a vida da vizinha. E tio Adam, mais abelhudo do que todos nós, disse: “Conheci Sálvia nas alturas”.

“Nas alturas?”

“A bordo do *Constellation*, numa viagem do Rio para Manaus”, ele disse. “Tive a sorte de sentar ao lado dela. Como o voo era demorado e tedioso, puxei conversa com a moça.”

Tio Adam não revelou nada dessa conversa, mas disse que, antes da aterrissagem em Manaus, a passageira levantou para ir ao toalete e não voltou mais.

“Ela sumiu”, disse Adam, “e minha viagem terminou aí.”

“Ela estava no banheiro quando o avião pousou?”

“Na cabine de comando, sentada numa cadeirinha atrás do comandante”, esclareceu meu tio. “A continuação dessa história tu já conheces.”

Mas foi o próprio Adam que me contou o fim.

Ao anoitecer de um sábado, um de seus amigos da aeronáu-

tica telefonou da base aérea para lhe dizer que o *Constellation* havia sumido do radar quando se aproximava do aeroporto de Manaus. Meu tio desligou o telefone e ficou olhando sua irmã. Com três palavras ele nos deu a notícia terrível e entrou no seu quarto, que era também o meu.

Naquele sábado, Jason e o Minotauro chegaram antes das oito; Sálvia arrumou a mesa para o jantar e esperou. Às oito e meia saiu da sala e voltou uns minutos depois. Jason disse que ela chorou sentada no chão; ficou impressionado por tê-la visto beijar, morder e cheirar um quepe preto.

No sábado seguinte nós a vimos jantar. Enquanto comia, olhava para o fantasma do aviador, conversava com ele, servia-lhe comida. Depois ela dançou sozinha, abraçada ao quepe.

Meus dois amigos não suportaram rever esse quadro mórbido. E eu, sem a cumplicidade deles, capitulei.

Anos depois, quando eu já morava em São Paulo, recebi um convite para participar da festa do casamento de tio Adam com Sálvia Belamar. O voyeur, agora sobrinho da vizinha misteriosa, não era mais um menino.

Viveram juntos trinta e um anos e sete meses. Morreram na mesma semana, primeiro ela, e dois dias depois, meu tio.

UM ENTERRO E OUTROS CARNAVAIS

Para Osman, Lucia, Yeda e os amigos da Lobo d'Almada

RECORDEI OUTROS CARNAVAIS quando fui ao enterro de d. Faride, mãe do meu amigo Osman Nasser. Quando eu tinha uns catorze ou quinze anos de idade, Osman beirava os trinta e era uma figura lendária na pacata Manaus dos anos 1960.

Pacata? Nem tanto. A cidade não era esse polvo cujos tentáculos rasgam a floresta e atravessam o rio Negro, mas sempre foi um porto cosmopolita, lugar de esplendor e decadência cíclicos, por onde passam aventureiros de todas as latitudes do Brasil e do mundo.

No fim daquela tarde triste — sol ralo filtrado por nuvens densas e escuras —, me lembrei dos bailes carnavalescos nos clubes e dos blocos de rua. Antes do primeiro grito de Carnaval, a folia começava na tarde em que centenas de pessoas iam recepcionar a Camélia no aeroporto de Ponta Pelada, onde a multidão cantava a marchinha *Ô jardineira, por que estás tão triste, mas o que foi que te aconteceu?* e depois a caravana acompanhava a Camélia gigantesca até o Olympico Clube. Não sei se era permitido usar lança-perfume, mas a bisnaga de vidro transparente refrescava as noites carnavalescas, o éter se misturava ao suor dos corpos e ao sereno da madrugada.

Não éramos espectadores de desfiles de escolas de samba carioca; aliás, nem havia TV em Manaus: o Carnaval significava quatro dias maldormidos com suas noites em claro, entre as praças e os clubes. A Segunda-Feira Gorda, no Atlético Rio Negro Clube, era o auge da folia que terminava no Mercado Municipal Adolpho Lisboa, onde víamos ou acreditávamos ver peixes graúdos fantasiados e peixeiros mascarados. Havia também sereias roucas de tanto cantar, odaliscas quase nuas e des-

cabeladas, princesas destronadas, foliões com roupa esfarrapada, mendigos que ganhavam um prato de mingau de banana ou jaraqui frito. Os foliões mais bêbados mergulhavam no rio Negro para mitigar a ressaca, outros discutiam com urubus na praia ou procuravam a namorada extraviada em algum momento do baile, quando ninguém era de ninguém e o Carnaval, um mistério alucinante.

Quantos homens choravam na praia, homens solitários e tristes, com o rosto manchado de confetes e o coração seco.

“Grande é o Senhor Deus”, cantam parentes e amigos no enterro, enquanto eu me lembro da noite natalina em que d. Faride distribuía presentes para convidados e penetras que iam festejar o Natal na casa dos Nasser.

Ali está a árvore coberta de pacotes coloridos; na sala, a mesa cresce com a chegada de acepipes, as luzes do pátio iluminam a fonte de pedra, cercada de crianças. O velho Nasser, sentado na cadeira de balanço, fuma um charuto com a pose de um perfeito patriarca. Ouço a voz de Oum Kalsoum no disco de 78 RPM, ouço uma gritaria alegre, vejo as nove irmãs de Osman dançar para o pai; depois elas lhe oferecem tâmaras e pistaches que tinham viajado do outro lado da Terra para aquele pequeno e difuso Oriente no centro de Manaus.

Agora as mulheres cantam loas ao Senhor, rezam o Pai-Nosso e eu desvio o olhar das mangueiras quietas que sombreiam o chão, mangueiras centenárias, as poucas que restaram na cidade. Parece que só os mortos têm direito à sombra, os vivos de Manaus penam sob o sol. Olho para o alto do mausoléu e vejo a estrela e lua crescente de metal, símbolos do islã: religião do velho Nasser. É um dos mausoléus muçulmanos no cemitério São João Batista, mas a mãe que desce ao fundo da terra era católica.

Reconheço rostos de amigos, foliões de outros tempos, e ali, entre dois túmulos, ajoelhado e de cabeça baixa, vejo o vendedor de frutas que, na minha juventude, carregava um pomar na cabeça.

A cantoria cessa na quietude do crepúsculo, e a vida, quan-

do se olha para trás e para longe, parece um sonho. Abraço meu
amigo órfão, que me cochicha um ditado árabe:

Uma mãe vale um mundo.

Daqui a pouco será Carnaval...